

EDUCAÇÃO E SENTIDO: CHESTERTON E LEWIS EM DEFESA DO MUNDO DAS FADAS

EDUCATION AND MEANING: CHESTERTON AND LEWIS IN DEFENSE OF FAIRYWORLD

Sara Louise Aquino Almeida Peixoto¹

Resumo

Em busca de desenvolver uma experiência de ensino de filosofia apoiada na leitura e interpretação de textos poéticos (literários), fundada na reflexão poética como arte ou ciência introdutória para a formação filosófica, discorremos aqui sobre a imaginação como fonte de conhecimento com base em escritos de G. K. Chesterton (1874 – 1936) e C. S. Lewis (1898 – 1963) que não apenas escreveram sobre a importância ou necessidade de seu uso, mas sobre os perigos de ver o mundo como uma máquina sólida em meio a um fatalismo determinista. Procuramos também trazer alguns outros autores que nos auxiliarão na tarefa de mostrar como o mundo moderno é autocentrado, uma vez que a educação do homem não é mais encontrar o sentido ou o *logos* das coisas. Intentaremos mostrar que os tão desprezados contos de fadas são um antídoto ao subjetivismo quando colocam adultos e crianças na realidade de uma maneira que o discurso direto e descritivo sem as experiências não o faria. Portanto, temos como objetivo neste artigo mostrar que a imaginação não é útil ao ensino de filosofia apenas, mas ela precisa ser desenvolvida, já que é um componente universal da natureza humana.

Palavras-chave: imaginação; sentido; contos de fadas; educação.

Abstract

Seeking to develop an experience of teaching philosophy based on the reading and interpretation of poetic (literary) texts, based on poetic reflection as an introductory art or science for philosophical training, we discuss here about imagination as a source of knowledge based on the writings of G. K. Chesterton (1874 – 1936) and C. S. Lewis (1898 – 1963) who not only wrote about the importance or necessity of its use, but about the dangers of seeing the world as a solid machine in the midst of a deterministic fatalism. We also try to bring some other authors who will help us in the task of showing how the modern world is self-centered, since the education of man is no longer to find the meaning or *logos* of things. We will try to show that the so despised fairy tales are an antidote to subjectivism when they place adults and children in reality in a way that direct and descriptive speech without experiences would not do, therefore, we object in this article to show that imagination is not useful in teaching philosophy only, but it needs to be developed, as it is a universal component of human nature.

Keywords: imagination; meaning; fairy tale; education.

¹ Mestranda do Mestrado Profissional em Filosofia, PROF-FILO, Campus Caicó – RN, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Graduada em História e em Filosofia também pela UERN. Email: saralouisepeixoto@gmail.com

1 - Chesterton encontra Lewis

Gilbert Keith Chesterton não apenas era apreciador de uma boa comida e uma boa cerveja, mas, acima de tudo, das letras. Ao todo, em seus escritos, acumulou cerca de 15 milhões de palavras² voltadas para ensaios jornalísticos, romances, fantasia, apologética cristã católica, mistério, crítica de arte, diários de viagem, peças de teatro e histórias de detetive. Nasceu em 29 de maio de 1874 em Kensington, Londres, Inglaterra e partiu em 14 de junho de 1936 com 62 anos. De todos os seus escritos a *Ortodoxia*, escrita em 1908 quando Chesterton tinha 34 anos, foi a que nunca saiu de catálogo e é sua obra mais conhecida junto com *Hereges*, publicada em 1905 como uma crítica a filósofos contemporâneos a ele.

Hereges causou um grande estardalhaço levando a um dos revisores do livro a lançar um desafio: alegou que só consideraria sua própria filosofia de vida se Chesterton estivesse disposto a revelar a dele, uma vez que até aí havia criticado as filosofias dos debatedores do seu tempo, porém ainda não tinha feito o trabalho de revelar as suas. *Ortodoxia* foi a obra que veio como resultado dessa proposta. Observemos, pois, sua vida para adentrarmos e entendermos mais especificamente essa referida obra.

Chesterton cresceu em um lar religioso em uma família unitarista praticante irregular e mesmo assim chegou a flertar com o ocultismo quando jovem, fazendo com seu irmão Cecil o uso de tabuleiros. Foi educado na Escola São Paulo e depois frequentou a Escola de Artes Slate para se tornar um ilustrador em um departamento da Universidade de Londres onde teve aulas de literatura, porém não completando um diploma em nenhuma disciplina. Tinha 27 anos quando se casou com Francis Blogg em 1901, tendo o casamento durado o resto de sua vida. Devia a Francis sua volta ao anglicanismo que mais tarde tomou por uma imitação pálida do catolicismo ao qual veio a converter-se em 1922, depois da escrita de *Hereges* e *Ortodoxia*.

Usando uma capa e chapéu amassado com um charuto na boca, geralmente esquecia para onde ia, perdendo muitas vezes o trem, mas o que ele não perdia eram as palavras, já que escreveu mais de 200 contos e 4000 ensaios, além de alguns trabalhos como historiador, com escritos envolvendo teologia e economia. Apesar de sua escrita impetuosa e sagaz, era um homem humilde. Por saber que a verdade é atemporal, seus escritos eram nela baseados, por isso são clássicos, por terem algo a nos ensinar nos dias de hoje. Como ele gostava de dizer,

² WAX, Trevin. **Let Trevin Wax Be Your Guide Through Chesterton's 'Orthodoxy**. The Gospel Coalition, 2022. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/blogs/trevin-wax/guide-chesterton-orthodoxy/>. Acesso em 08 de nov. 2022.

devemos nos basear no credo e não em um calendário. De acordo com o *Oxford English Dictionary*, ele foi o primeiro escritor a se referir à cultura e civilização “ocidentais”⁴.

Um dos motivos pelo qual a *Ortodoxia* pode ser um livro difícil é justamente o fato de ele mencionar fatos e pessoas dos dias de Chesterton, além do que faz ele referências bíblicas, à história da Inglaterra e às várias filosofias. C. S. Lewis (1898 - 1963) alega que Chesterton fez uma conquista imediata dele que, uma vez ateu, se impressionava com o fato de preferir a leitura de conservadores por achá-las de maior qualidade. Lewis veio a converter-se ao cristianismo, mas muitos outros intelectuais opositores ao cristianismo da época diziam ser a *Ortodoxia* o melhor argumento para o cristianismo. A fim de cumprir nossos objetivos com esse texto, veremos como que para Chesterton educar significava encontrar o sentido das coisas no mundo, conceito presente na tradição antiga e medieval permeada pelo logocentrismo.

Ao iniciar sua *Ortodoxia*, Chesterton já mostra que o que escreverá frui de sua pessoalidade “através de um conjunto de imagens mentais e não de uma série de deduções” (CHERSTERTON, 2018, p. 10), o que atesta que sua filosofia não foi criada a partir do que ele achava ser o mundo, antes é fruto de uma *mímēsis*⁵ dele. Por isso no final ele não a criou, mas foi feito por ela. Chesterton descobriu que o mundo não é uma matéria-prima a partir da qual o sentido e o propósito podem ser criados pelo indivíduo. Esse será um dos motes de nosso texto, uma vez que intentamos mostrar que não montamos conceitos sem imagens preconcebidas e que a literatura nos fornece essas imagens com base não em um irrealismo, mas sim no realismo, posto que a imaginação é a ponte que nos conecta com a realidade. Essa é a filosofia tanto de Chesterton (2018) quanto de Lewis (2017). Realismo não é incompatível com a imaginação. Como C. S. Lewis afirmou: “[...] a imaginação adora abraçar seu objeto completamente, contemplá-lo com um mesmo olhar e vê-lo como algo harmonioso, simétrico e autoexplicativo” (2017, p. 67).

Desse modo, adotaram o realismo natural de Aristóteles segundo o qual as propriedades percebidas contêm também as coisas independentemente da consciência percipiente, diferente de Descartes (1596 - 1650), para o qual a realidade nos enganava ou Kant (1724 - 1804), que afirmava que o mundo numênico não podia ser conhecido, mas, a perspectiva mimética, que é

⁴ WAX, Trevin. **4 Ways G. K. Chesterton Engaged His Culture and Why He Still Matters Today**. The Gospel Coalition, 2014. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/blogs/trevin-wax/4-ways-g-k-chesterton-engaged-his-culture-and-why-he-still-matters-today/> Acesso em: 09 de novembro de 2022.

⁵ Palavra de origem grega que significa imitar, imitação. “O termo *mimesis* foi utilizado por diversos pensadores durante a história, tais como Aristóteles, Platão, Erich Auerbach, Paul Ricoeur, Jacques Derrida, Sigmund Freud e até mesmo o conhecido biólogo Richard Dawkins, que cunhou o termo *meme*. Embora todos eles tenham usado a *mimesis* de forma semelhante – com o sentido de cópia ou imitação –, com René Girard esse termo recebeu uma aplicação de alcance mais abrangente”. Disponível em: <https://www.erealizacoes.com.br/blog/teoria-mimetica/> Acesso em: 22 de janeiro de 2023.

a que aqui tomamos, vê o mundo como uma ordem dada, na qual os seres humanos são chamados a descobrir o significado. Chesterton e Lewis foram os maiores propagadores dessa perspectiva na modernidade, na qual ocorre a transmigração da perspectiva mimética até chegarmos a um niilismo com Nietzsche (1844 – 1900), em que os valores supremos se esvaziam de sentido.

Sabemos que Chesterton, em seus escritos, debatia com autores como Herbert George Wells (1866 – 1946) e George Bernard Shaw (1856 – 1950) que foram entusiastas da eugenia e do darwinismo social (seleção artificial x seleção natural). O primeiro era um autor de ficção científica, cujo conteúdo promovia a primazia do cientificismo; e o segundo, apesar de inimigo político e incorporador de tudo que ele não podia tolerar, a saber, imperialismo, feminismo, socialismo e vegetarianismo, o considerava amigo. Diferente deles, Chesterton defendia a boa e velha doutrina dos valores objetivos que, segundo ele, na filosofia dos contos de fadas que o formaram, aprenderíamos. Neles estão o familiar e o desconhecido, a estranheza e a segurança, o espanto e o acolhimento na vida ativa e plena da imaginação.

É nos contos de fadas que sobrevive a possibilidade de um rapaz comum transformar-se em herói, e suas aventuras surpreendem porque ele é comum, ao passo que no “[...] romance psicológico moderno o herói é anormal [...]. O conto de fadas discute o que um homem são fará em um mundo louco” (CHERSTERTON, 2018, p. 18 - 19). E ainda, “[...] a imaginação não gera insanidade, é a razão que o faz. Não são os poetas que enlouquecem, mas os enxadristas” (2018, p. 19). Chesterton é enfático ao demonstrar que o cristão tem liberdade de crer que há uma enorme extensão de ordem definida, mas o materialista não se deixa admitir que, em sua santa máquina, não haja a “menor mancha de espiritualismo ou milagre” (2018, p.19) . É fato de que quando lemos os contos nenhum dos elementos da realidade, incluindo os milagres, ficam de lado. Há sempre alguém a quem graciosamente é dado o inesperado por pura providência e isso o racionalista não admite, pois seu mundo é “simples e sólido” (2018, p. 29).

A teoria materialista, segundo Chesterton, é a da loucura e ela gradualmente destruiu a humanidade, pois destrói não somente a bondade, mas a “esperança, a coragem, a iniciativa, e tudo o que é humano” (2018, p. 30). Por isso arrasta o homem ao fatalismo, não sendo, portanto, uma força libertadora, pois não se aumenta a liberdade quando o livre pensamento é usado para destruir o livre arbítrio. “Os deterministas vêm para aprisionar e não para libertar [...] O determinista não acredita no apelo à vontade, mas acredita em mudar o ambiente” (2018, p. 30 - 31). Tudo isso também poderia ser, segundo Chesterton, chamado de pan-egoísmo do pensamento e sua insanidade é provada não necessariamente pelo erro em seu argumento, mas em suas vidas inteiras.

Esses homens modernos com a razão no vazio querem pensar sem os primeiros princípios, por isso enlouquecem. O mistério, em contrapartida, nos livra da morbidez e faz parte da nossa humanidade. Ter um pé na terra e outro na terra das fadas, fez com que, diferente do agnóstico moderno, o homem duvidasse das coisas com liberdade para nelas acreditar e o segredo do misticismo é “[...] que o homem pode tudo compreender com a ajuda do que não compreende” (2018, p. 34). O próprio Chesterton foi em sua vida um escritor de mistérios. É importante colocar que educar, para ele, era “conectar coisas”, em sua própria vida. Como vimos, ele não só era versado em muitas áreas, mas, de fato, conectava as coisas em seus escritos, pois aí estão a inteligência e a sabedoria, que são não apenas deter certas informações, mas saber conectá-las.

Chesterton era alguém que se espantava diante do mundo, por isso não entendia o tédio, sendo sempre muito grato, pois todas as suas portas se abriam para um mundo que não fez. A vida de Chesterton é uma expressão do que queremos aqui mostrar ser educação. Admirar-se de um mundo que não é obra das nossas mãos e do qual temos de descobrir apenas o sentido.

Lewis demonstrou, em seu livro *Abolição de homem* de 1943, o maior clássico sobre educação já escrito nos últimos tempos, que as novas abordagens da educação estão contaminadas com o “veneno do subjetivismo” que produz o que ele chamou de “homens sem peito”, incapazes de abraçar o bem e identificar e rejeitar o mal. O aluno, em contrapartida, deve ser treinado nas afeições ordenadas onde encontrará os primeiros princípios da ética, diferente do homem corrupto que não poderá enxergá-los. A educação nova que vai na contramão disso é, portanto, condicionadora e não iniciadora.

Lewis, assim como Chesterton, também cresceu no “mundo das fadas”. Era em sua infância cercado por livros que eram seus únicos amigos, pois o seu irmão Warren havia ido para o colégio interno e sua mãe morrera quando ele ainda era criança. O irlandês Lewis acreditava na educação como uma propagação da humanidade a outros homens: educar é educar por princípios e sentidos, isso ele demonstra ao escrever trocadilhos afirmando que se caçamos da honra não devemos nos chocar ao encontrar traidores entre nós. Temos, então, que aprender a integrar o afetivo e o intelectual para não nos “animalizarmos”. Se ficarmos apenas na cabeça onde supostamente estariam o pensamento, ou na barriga, onde estão os afetos, que poderíamos chamar de vísceras, seríamos “homens sem peito”, onde simbolicamente integramos o intelectual e o afetivo humanizando-nos.

Partindo do princípio de Lewis que qualquer filosofia que produza “homens sem peito” é desumanizadora, percebemos que na educação moderna as pessoas têm apenas cabeça e barriga, não dispendo desse elemento intermediário. Lewis também denunciava o que

Chesterton igualmente escreve quanto à aceitação acrítica do ambiente intelectual comum à nossa época que Lewis, por sua vez, chamava de “esnobismo cronológico”, segundo o qual tudo aquilo que ficou desatualizado é, por isso, desprezível. A verdade, porém, segundo Chesterton (2018), está fora do tempo, por isso a educação deve se basear nela. O mundo, no entanto, não progride, oscila, como gostava de proferir. Em contraposição à idolatria de seu tempo, Chesterton dizia que foi conhecer a ortodoxia que emancipou a sua mente.

Baseado nessa acepção, Chesterton entendia que a única coisa pior que o moderno enfraquecimento da moral maior, era o fortalecimento da moral menor. Como dizia Lewis (2017), “o veneno do subjetivismo” abafou o *logos* das coisas, fazendo do mundo apenas matéria-prima, abolindo a possibilidade de que a humanidade descubra os significados do mundo.

Nesse sentido, o poder exercido por alguns homens sobre outros indica que poucos decidem o destino de muitos que estão subordinados aos desígnios dos planejadores, pois são os menos capacitados a exercer algum poder sobre seu presente e futuro. Lewis nem supunha que esses homens seriam maus, apenas acreditava que eles nem sequer eram homens, mas se quisessem ser assim chamados, poderiam ser tidos como homens que sacrificaram sua porção de humanidade com o propósito de se esmerar na tarefa de decidir o que a “humanidade” deve significar no presente.

2 - Filosofia aprendida no berço

Chesterton era um crítico do seu tempo e defensor das ideias fixas, das quais até os revolucionários precisam (CHERSTERTON, 2018, p. 141). Nesse sentido, coloca a nós, em sua *Ortodoxia*, demonstra sua certeza inquebrantável e suas ideias fundamentais que remontam ao berçário quando diz que as aprendeu “de uma babá; isto é, da sacerdotisa solene – e apontada pelas estrelas – da democracia e da tradição” (2018, p. 61). A relação entre essas duas últimas palavras diz respeito aos contos infantis como sendo uma herança a que todos têm acesso.

Para entendermos as palavras de Chesterton, devemos fazer uma distinção entre necessidade e possibilidade para percebermos que a contingência do mundo faz com que pareça mágico, num universo onde a maravilha e o encantamento vão direto ao coração das coisas. O começo da apreensão da certeza inquebrantável advinda do mundo das fadas, é abrir os olhos para a pura maravilha da existência que é mágica. A bondade do universo é mais poderosa e esmagadora que o sofrimento nele. Chesterton (2018, p. 61) escreve que as coisas nas quais mais acredita são os contos de fadas. Em paralelo a essa declaração, C. S. Lewis, em *O peso da glória*, escreve que a imaginação do ser humano sempre se encantou com a maioria das figuras

sobrenaturais nas quais acreditou e que “a confusão entre satisfação imaginativa e concordância intelectual, da qual os cristãos são acusados, não é algo comum ou fácil como as pessoas supõem” (2017, p. 68). Essa razoabilidade da fantasia demonstrada por ambos se explica no que Lewis (2017) disse ser um arruinamento de uma mitologia feita para propósitos imaginativos quando cremos nela.

Sugeri que a crença arruína um sistema ligado à imaginação “em certo sentido”. Mas, não em todos os sentidos. Se chegasse a crer em fadas, eu iria quase certamente perder o prazer típico que agora desfruto delas quando leio *Sonho de uma noite de verão*. Mas, posteriormente, quando as fadas em que eu cresse tivessem se assentado como habitantes de meu universo real e tivessem se conectado plenamente com outras partes do meu pensamento, um novo prazer poderia surgir (LEWIS, 2017, p.68).

Ao dizer que acreditava nos contos de fadas, Chesterton indica que os achava razoáveis e que as outras coisas, quando comparadas a eles, é que são anormais, como o racionalismo que é anormalmente falso, ao passo que a religião é anormalmente verdadeira. Afirmava o ensaísta inglês que olhava a vida de certa forma, olhar esse gerado pelos contos de fadas e que foi humildemente ratificado pelos fatos. As duas visões não entram necessariamente em conflito, caso concordemos com Chesterton que o país das fadas:

[...] é simplesmente a terra ensolarada do senso comum. Não é a terra que julga o céu, mas o céu que julga a terra; logo, para mim, não era a terra que criticava a terra dos elfos, mas a terra dos elfos que criticava a terra. Conheci o pé de feijão mágico antes de provar o feijão; tive certeza do homem que foi à lua antes de estar certo da lua. E tudo isso está em consonância com a tradição popular [...] acreditamos em milagres corporais, mas não em impossibilidades mentais. Acreditamos que o pé de feijão se ergue ao céu, mas isso não nos confunde quanto à questão filosófica de quanto são cinco feijões (2018, p. 61 - 64).

Para explicar essa razoabilidade do mundo das fadas, pontua que pensamos nele como se uma ideia levasse a outra em uma relação de causa e efeito. A bruxa ao dizer “sobre a trombeta e o castelo do ogro cairá” (CHESTERTON, 2018, p. 64) não perde sua racionalidade a partir do momento que “fala como se a conexão de duas coisas fisicamente estranhas as ligasse filosoficamente” (*idem, ibidem.*) Quem procura conexão mental necessária entre os objetos é o cientista. Já o habitante do mundo das fadas sabe que no universo que envolve a terra, a maravilha e o encantamento vão direto ao significado das coisas. Ter um nariz é mais cômico do que ter um “nariz normando”. Não é o tipo de nariz que você tem – é o fato de você ter uma coisa tão maravilhosa em primeiro lugar.

Desejamos conhecer, queremos saber a razão e o motivo das coisas, mas também precisamos abraçar o mundo também sem razão e sem motivo, no que Chesterton aludia a um

patriotismo transcendental. Por isso, no conto de fadas, muitas vezes “uma felicidade incompreensível se sustenta sobre uma condição incompreensível” (2018, p. 70), ao que:

[...] uma caixa se abre, e todos os males voam para dominar o mundo. Uma palavra é esquecida, e as cidades perecem. Uma lâmpada é acesa, e o amor voa para longe. Uma flor é arrancada, e vidas humanas são poupadas [...]. Cinderela recebeu uma carruagem do país das maravilhas e um cocheiro do nada, mas recebeu uma ordem – que pode ter saído de Brixton – de que deveria voltar antes da meia noite [...] essa ubiquidade do brilho rarefeito do cristal é a expressão do fato de que a felicidade é luminosa, mas frágil, a substância que é mais facilmente destruída por uma camareira ou um gato. E esse sentimento élfico também se apoderou de mim e se tornou meu sentimento diante do mundo (CHESTERTON, 2018, p. 70, 71).

O que há, então, de comum entre Chesterton e Lewis é que o mundo da fantasia, embora não lógico e crível no sentido de vivência, é razoável a partir do momento em que se baseia em princípios que transcendem à realidade concreta, em princípios universais como a verdade (lógica), a justiça (ética) e a beleza (estética). O que está certo no “céu”, muitas vezes significa estar errado na terra, segundo o que está mais baixo que são as convenções sociais. O homem não é um ser imanente apenas, e a virtude advém dessa captação celeste. E se Dom Quixote de La Mancha estava errado na terra, mas e quanto ao céu? Jó, como homem que tem sede de saber, queria tomar conhecimento da causa do seu sofrimento ao que Deus responde:

Onde estavas tu, quando eu fundava a terra? Faze-me saber, se tens inteligência. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina, Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus jubilavam? Ou quem encerrou o mar com portas, quando este rompeu e saiu da madre? Quando eu pus as nuvens por sua vestidura, e a escuridão por faixa? Quando eu lhe tracei limites, e lhe pus portas e ferrolhos, e disse: até aqui virás, e não mais adiante, e aqui se parará o orgulho das tuas ondas? [...] A chuva porventura tem pai? Ou quem gerou as gotas do orvalho? De que ventre procedeu o gelo? E quem gerou a geada do céu? [...] ou poderás tu ajuntar as delícias do Sete-estrela ou soltar os cordéis do Órion? Ou produzir as constelações a seu tempo, e guiar a Ursa com seus filhos? (Jó 38, 4 - 11; 28 - 32).

A resposta mais adequada para Jó seria na verdade a sua incompreensibilidade do mundo e espanto diante disso. Ele não deveria olhar apenas para ele. Existe uma lei e sabedoria que estão acima de nós e que seremos felizes e excelentes ao buscá-las. Por isso, Chesterton escreveu que o pensamento moderno contradizia o credo básico de sua meninice contido nos contos de que o mundo é “selvagem e espantoso”.

3 - Educação e sentido: chamando mais gente para a conversa

C.S. Lewis afirmava que “podemos tornar nossa linguagem mais monótona; não podemos torná-la menos metafórica” e que “toda linguagem sobre coisas que não sejam objetos físicos é necessariamente metafórica” (2017, p. 75). Sabemos que a metáfora é a principal figura de linguagem da literatura e que a filosofia está entre a literatura e a ciência. Nosso desafio aqui é mostrar, por meio de Chesterton e Lewis, que o conhecimento não resulta apenas de dados derivados da ciência, mas que existem outros componentes da natureza humana que são universais, como o amor, a bondade, a moralidade e a fé e que são igualmente constitutivos do conhecimento, pois este não vem apenas dos sentidos, mas também da formação de imagens por intermédio da imaginação.

Nossos pensamentos sempre lançam mão de intermediários para explicar a realidade. A Filosofia, apesar de superior ao funcional (PIEPER, 2014, p. 20), tem consequências. O aluno precisa saber que apesar de ser essencialmente teórica, a filosofia conduz a um agir no mundo que requer antes uma compreensão dele. O estudante de filosofia precisa, antes de qualquer coisa, aprender a pensar e, para isso, deve se espantar com aquilo que não foi obra de suas mãos, a saber, o mundo. Esse espanto advém da percepção de que está inserido nele. É pela admiração que percebemos que o mundo é real e que fazemos parte dele. A filosofia nos conduz a isso, e pode contar com o apoio das obras ficcionais.

Por termos a capacidade inata de conhecer, o mundo se apresenta a nós como uma questão a ser respondida, daí a importância da Filosofia. Possuímos o poder do discurso sintático através da linguagem, dominamos o mundo e formamos cultura. Somos seres narrativos e tendemos a subordinar nossas micronarrativas a uma macronarrativa (FRYE, 2017). Não somos seres estratificados e nossa razão não “anda” sozinha. Ideias nascem da práxis, porém a práxis também pode ser formada pelas ideias. A razão é uma das fontes de conhecimento, mas há ainda a experiência, a intuição, o testemunho.

Todos nós somos dotados de uma espécie de “equipamento padrão” que são nossas sensibilidades morais⁷. Por isso, devemos mostrar ao aluno que a supressão da natureza humana pela técnica leva ao vazio e a disciplina de Filosofia na educação básica pode servir não apenas

⁷ A alma foi vista no mundo antigo como tendo partes, dentre elas a sensitiva que guarda os apetites, a parte irascível, que abriga o valor e a parte inteligível que sedia a razão. Sendo essa última a que deve guiar as demais. Platão tenta resolver o problema do dualismo e da relação entre as partes da alma com a subordinação. A partes inferiores devem se subordinar as superiores. No sentido aristotélico essa alma seria o ser, a causa ou princípio das operações do corpo dos seres vivos que por isso vivem. A alma do ser humano tem, para Aristóteles, na racionalidade o principal modo de operação. Isso não significa que não haja nessa alma outras operações. Pode falar-se da parte nutritiva, sensitiva, imaginativa e apetitiva da alma, ou seja, de outras tantas operações, pois, segundo ele, a alma é, de certo modo, todas as coisas. MORA, 1978.

como integradora de todas as outras, como também de âncora para que ele não submerja a esse mundo técnico escolar que a modernidade apresenta. O desembocar filosófico requer que reconheçamos as origens das narrativas morais a que aderimos na vida, pois o ensino da Filosofia não deve ser deixado entre os muros da escola, mas deve servir para organizarmos e julgarmos conceitos e avaliarmos cosmovisões que fazem parte da nossa vida.

Nossa consciência, expressa em linguagem, diz a maneira como vivemos no mundo como seres narrativos, e é a partir dela que construímos o mundo que desejamos. É a linguagem da imaginação e não a prática, ou a científica, que parte da observação, que produz a arte e nos humaniza. Uma cultura é um acúmulo de bens amados, guardados nos corações, a expressão de cosmovisões.

Os povos e as nações historicamente usaram metáforas que não se limitaram ao tempo para expressar suas percepções sobre a ética, sobre seu próprio povo, seu entendimento teológico e antropológico. O mito, base para todas as narrativas, não se atém a uma mera cosmologia tribal, mas, segundo Northrop Frye (2017), é uma herança que a transcende avançando sobre as condições dos próprios indivíduos.

A preguiça, a luxúria, a glotonaria e a avareza surgem quando amamos a indolência, a comida, o dinheiro e o sexo. O amor então seria um motor ético. A própria filosofia corrobora os argumentos aqui propostos, pois ela é o amor à sabedoria. Todos esses elementos são vistos nos contos. Com a filosofia, a partir dos contos, buscamos fazer com que os alunos percebam que existe a ética, fazê-los perceber esse conhecimento e guardá-lo na memória.

A memória é a sede de nossa morada cultural, cujo conteúdo tem um nome, o imaginário. Os clássicos são geracionais e trazem reflexões filosóficas de forte conteúdo moral, em sua semente há um pouco de várias narrativas e mitos. Longe da espetacularização feita pelo cinema, sabemos que a leitura é fulcral para a construção das imagens e para o desenvolvimento da inteligência humana.

Vimos que o mundo moderno é permeado pelo subjetivismo e contempla uma visão evolucionista em que Lewis diz ser a crença de que:

[...] a própria fórmula do processo universal vai do imperfeito para o perfeito, de um começo pequeno para um fim grandioso, do rudimentar para o elaborado, a crença que faz com que as pessoas achem natural pensar que a moralidade tem origem em tabus selvagens, que o sentimento adulto em desajustes sexuais infantis, o pensamento, no instinto, a mente, na matéria, o orgânico, no inorgânico e o cosmos, no caos. Esse talvez seja o exercício mental mais profundo no mundo contemporâneo. Mas me parece imensamente implausível, pois faz do curso geral da natureza algo tão dessemelhante das partes da natureza conforme nós a podemos observar [...] se as mentes são completamente dependentes do cérebro, se o cérebro depende da bioquímica, e a bioquímica (no longo prazo) depende do fluxo sem sentido dos

átomos, não posso entender como o pensamento daquelas mentes deveria ter qualquer significância maior que o som do vento nas árvores (2017, p. 76 - 77).

Todas as cosmovisões reinantes e que moldaram o mundo moderno não apresentam as melhores respostas para as principais questões filosóficas, principalmente no que concerne à natureza humana e a natureza do mundo. O ensino de filosofia deve perpassar isso, daí a importância de encontrar um princípio moral por trás de uma determinada imagem, reconstruir símbolos e arquétipos aplicando-os a nossa própria existência. Nossas impressões sobre a vida humana vão se acumulando uma a uma e, para a maioria das pessoas, permanecem vagas e desorganizadas. Na literatura, porém, muitas dessas impressões ganham ordem e foco.

É exatamente o “lugar” onde essas imagens ficam armazenadas que chamaremos de imaginário. Utilizamos-lo com mais frequência quando olhamos para o futuro, ao passo que quando acessamos a memória, remetemo-nos ao passado. A nível individual, temos as imagens que nos permitem contar nossas próprias histórias. Temos também, enquanto sociedade, um imaginário que podemos chamar de cosmovisão ou visão de mundo. Já o terceiro nível, por sua vez, é o “imaginativo”, que é formado daquelas imagens que nos dão um modelo de como nós gostaríamos que o mundo fosse, gerando assim em nós uma espécie de desejo. Essas classes ou níveis imaginativos foram melhor abordados por J.R.R Tolkien (2020) em seu ensaio *A árvore e a folha*.

Um biógrafo de C.S. Lewis, Alister McGrath (2019), disse que a imaginação é o porteiro da alma. O processo psicológico do conhecimento humano ainda é envolto em muitos mistérios, porém sabemos que a imagem é nela transformada em símbolo dotado de significado que, por sua vez, influencia na tomada de nossas decisões. Daí a frase de McGrath fazer sentido. Por isso a literatura, de maneira geral, exerce em nós um deslumbramento, um escape da caverna e um consolo. Talvez o principal que essa literatura faça é nos levar a saber que existe um mundo fora de nós mesmos como os autores aqui abordados tanto colocaram. É nos fazer ver que viver apenas para nós mesmos é uma prisão.

Para abordarmos melhor esses pontos devemos tomar nota de que quando falamos de imaginário, estamos nos referindo ao modo como as pessoas comuns “imaginam” seu entorno social, por isso Chesterton chamava os contos de “a filosofia do senso comum”. Isso, na maioria das vezes, não é expressado em termos teóricos, mas, antes, é cheio de imagens, lendas e histórias. A teoria é a posse de uma pequena parcela, que pode sim influenciar, mas que, primordialmente, é o imaginário social que é compartilhado por um grande número de pessoas ou até por praticamente toda a sociedade e não apenas por uma parcela de intelectuais.

Esse entendimento comum, chamado de imaginário social, possibilita práticas comuns. Ora, uma cultura possui razões que se fundamentam tão profundamente no eu, que tais razões acabam por se tornar comuns e implicitamente compreendidas. No entanto, é nas atividades comunitárias que o indivíduo encontra seu eu. O público não mais frequenta a assembleia como antes, ou o areópago como outrora. A Igreja e os sindicatos deixaram de agregar multidões, como no século XX. Assim, parece não haver mais uma vida comunitária cívica como no passado, na qual, vez por outra, buscava-se os valores transcendentais que moldavam a cidadania.

A cidadania pela cidadania nada mais é, nos dias de hoje, que a construção do homem obediente. No mundo antigo e medieval, a identidade das pessoas era dirigida para fora onde elas encontravam o senso de si mesmas. Na modernidade temos o que Charles Taylor (1997), em suas obras, chamou de homem psicológico, um homem que toma categorias psicológicas como dominantes na forma de pensar a si mesmo.

Essa visão moderna, segundo Taylor (1997), diz que cada um de nós tem sua própria maneira de realizar sua humanidade, e que é importante encontrar e viver a sua própria, em vez de se render a um modelo imposto de fora, que é contrário à visão que tanto Chesterton quanto Lewis tinham de educação.

Nesse sentido, pode-se pensar nos sentidos das palavras ensino, que vem do latim *insignare* e faz alusão ao “encontrar o signo”, e da palavra inteligência que, por sua vez, vem do latim *intelligentiam*, *intelligere*, termos compostos por *intus* (entre) e *legere* (ler), “ler o ente dentro”: etimologicamente indicam que as palavras que mais usamos na educação têm uma acepção que aludi ao mundo como dotado de certo significado que cabe a nós, seres humanos, descobrir e nos conformamos a ele.

Conclusão

Nossa reflexão busca mostrar a importância do uso dos contos de fadas para o ensino da filosofia, o que não significa dizer que entendemos que os contos sejam a filosofia sistematizada. Entendemos que apesar de distintas em sua natureza e objetivos, os contos podem ajudar no trabalho docente para a formação de uma consciência filosófica.

Nos contos de fadas não há espaço para a ideia de que as comunidades são opressivas e precisam de mudanças revolucionárias, antes, ao contrário, eles nos auxiliam na busca do nosso propósito ao mostrar que devemos nos comprometer com algo fora de nós mesmos. O homem moderno psicologizado é contraditoriamente ansioso, pois é dirigido para dentro.

A instituições, de maneira geral, viraram lugares em que se representa um papel e se atua, muitas vezes ignorando a própria formação, de modo que o que foi consolidado pelo tempo é visto com suspeita e todas as instituições tradicionais devem ser transformadas para se adequar ao eu psicológico do indivíduo moderno. A educação moderna, portanto, rejeita qualquer noção de significado externo ao qual a educação deve ser conformar, sendo ela mesma criadora de significados provenientes de desejos de alguns indivíduos. No entanto, nos contos as verdades externas não são construções projetadas pelos poderosos para mitigar os fracços, mas, pelo contrário, até os reis se submetem a elas. Existe uma grande realidade que permeia a cidade, a economia, a religião, etc, realidade essa na qual o homem, antes de atuar no teatro do mundo, precisa ser formado, e isso não será possível com a relativização de todo o sentido ao gosto pessoal. O que contraria, como vimos, os sentidos etimológicos das palavras ensino e inteligência, bem como contraria o sentido etimológico da palavra educação, que significa “conduzir para fora”.

Tornar a vida interna do indivíduo como soberana é prejudicá-lo, uma vez que a sua identidade se torna tão limitada quanto sua imaginação, ambas voltadas para dentro, ensimesmadas, transformando a cultura para atender às necessidades individuais e tornando o mundo um lugar terapêutico no qual todos devem se adaptar para refletir essa mentalidade.

Referências

CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. Tradução de Murilo Resende Ferreira. 2ª ed. – São Paulo: Ecclesiae, 2018.

FRYE, Northrop. *A imaginação educada*. Tradução de de Adriel Teixeira, Bruno Geraidini e Cristiano Gomes. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

LEWIS, C. S. *O peso da glória*. Trad. Estevan Kirschner. 1ª ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

_____. *A abolição do homem*. Tradução de Remo Mannarino Filho; revisão da tradução Luiz Gonzaga de Carvalho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MCGRATH, Alister. *A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2019.

PIEPER, Josef. *O que é filosofar?* Trad. de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail U. Sobral e Dinah de Azevedo de Abreu. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

TOLKIEN, J.R.R. *A árvore e a folha*. Tradução de Reinaldo Jose Lopes. 1ª ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2020.

Recebido em: 09/04/2023.

Aprovado em: 10/09/2023.